

Ela arriscou tudo para salvar a vida de um homem que vestia uma farda que tinha motivos de sobra para odiar

A Mulher que Não Delatou

Retalho do Drama Cotidiano

JANICE KEYSER LESTER

NUMA PRA-TELEIRA da minha cozinha existe um pequeno moinho de café de tipo antigo. Uma gaveta, em sua base, contém um pedacinho de papel coberto por uma escrita desbotada. A escrita desbotou por-

que a tinta era feita de suco de bagas; o papel está gasto porque foi dobrado para poder caber dentro de um botão de metal. Uma parte da mensagem ainda é legível. Data-da de 14 de setembro de 1864, começa assim: "Querida Bettie, tenho a oportunidade de lhe mandar um



bilhete às escondidas dos ianques (soldados nortistas) ..."

É uma carta escrita por um oficial confederado capturado, de um acampamento de presos, à sua esposa na Virgínia, levada clandestinamente por um soldado em liberdade condicional, e entregue a uma

môça de 20 anos, de olhos azuis, que morava completamente sòzinha com apenas dois ex-escravos no Vale de Shenandoah, assolado pela guerra. O nome da môça era Bettie Van Metre, e durante os dois meses seguintes ela viria a ser a figura principal de um dos episódios mais dramáticos e menos conhecidos da Guerra de Secessão. Conheço a história porque a ouvi várias vêzes da própria Bettie. Ela era a minha tia-avó mais querida, e morreu com bem mais de 80 anos.

Tôda vez que minha família ia visitar Tia Bettie na velha casa de Berryville, na Virgínia, eu ficava atrás dela para que me contasse a história. Ainda me lembro de ficar sentada numa banquetta à espera de que ela começasse: "Eu nunca detestei os nortistas. O que eu detestava era a guerra . . ."

Bettie Van Metre tinha tôda a razão para detestar a guerra. Um de seus irmãos fôra morto em Gettysburg e outro feito prisioneiro. Depois, seu jovem marido, James, fôra capturado e sua carta clandestina falava em doença, maus tratos e quase inanição. Ela não sabia sequer onde êle se encontrava: essa parte do bilhete estava ilegível.

Durante mais de três anos a maré da batalha deslocou-se de um lado para outro através do lindo Vale de Shenandoah, até que ficou tudo transformado numa terra deserta de propriedades saqueadas e fazendas abandonadas. As fôrças ianques e confederadas ainda lutavam violen-

tamente, e bandos errantes de desertores e guerrilheiros roubavam e assassinavam. Bettie mantinha-se ocupada durante uma parte do dia trabalhando para o Corpo de Costura e Enfermagem de Berryville, e o velho casal de negros, "Tio Dick" Runner e sua mulher, Jennie, eram prestativos e bondosos. Mas as noites eram intermináveis.

Num dia abafado do fim de setembro uma unidade hospitalar dos ianques parou numa fazenda, a menos de um quilômetro da casa dos Van Metre. De uma das ambulâncias puxadas por cavalos retiraram uma pessoa deitada numa maca manchada de sangue, e a depositaram no chão. Três dias antes, numa escaramuça violenta que precedera a batalha de Opequon Creek, uma granada havia explodido ao lado do Tenente Henry Bedell, da Companhia D do 11.º de Voluntários de Vermont, um jovem de 30 anos de idade. Um estilhaço tinha-lhe esfacelado a mão direita; outro dilacerara-lhe a perna esquerda tão profundamente que teve de ser amputada na coxa.

Quando se tornou necessário evacuar os feridos para Harpers Ferry, os médicos viram que Bedell não agüentaria a penosa viagem de 30 quilômetros. Para poupar-lhe sofrimento desnecessário, resolveram deixá-lo, aos cuidados de um único ordenança, na casa da fazenda. Abandonado por seus donos, êsse lugar era agora habitado por uma mulher desleixada. Ela aceitou, sem comen-

tário, o dinheiro que lhe ofereceram para receber o soldado.

Bedell era um homem forte e valente. Antes de os médicos partirem, êle pediu para ditar uma última carta à sua mulher, em Westfield, Vermont. Pediu também que o seu rifle, um Henry de repetição, fôsse colocado a seu lado. Se os confederados chegassem e êle estivesse lúcido, usaria a arma. Esconderam-no num quarto do sótão, e o grupo hospitalar partiu.

Durante dois dias a mulher e o ordenança ficaram bebendo e farreando. Apesar dos gemidos do soldado, nunca se aproximaram d'êle. No terceiro dia, cansados de esperar pela morte de Bedell, partiram os dois. Mas Tio Dick Runner vira quando carregaram o homem ferido para a casa da fazenda. Quando a mulher e o ordenança saíram, o velho negro correu para pedir socorro na fazenda dos Van Metre.

Sempre que Tia Bettie falava sôbre a primeira vez que vira o homem emaciado e barbado, com a farda azul manchada, deitado no sótão, suas narinas se dilatavam. "Foi como entrar num pesadelo—aquelas ataduras horríveis, aquêle cheiro terrível. Isso é o que é a guerra, minha filha: nem clarins, nem bandeiras. É só dor e sujeira, inutilidade e morte."

Para Bettie Van Metre êste homem não era um inimigo; era um ser humano que sofria. Deu-lhe água e tentou limpar-lhe as feridas pavorosas. Depois saiu para o ar livre, en-

costou-se à parede da casa e fêz fôrça para vencer a náusea.

Sabia que era seu dever comunicar a presença de um oficial ianque às autoridades confederadas. Mas sabia também que não iria fazê-lo. "Eu ficava imaginando se êle teria espôsa em algum lugar, aguardando esperançosa e sem nada saber... como eu. Parecia-me que só havia uma coisa importante: fazer o marido voltar para junto dela."

Devagar, com paciência e habilidade, a mulher de James Van Metre reavivou a centelha de vida que bruxuleava em Henry Bedell. Três vezes por dia subia ao quarto do sótão com a comida que encontrava. Drogas e remédios ela quase não tinha, e não estava disposta a tirar nada dos parques estoques do hospital confederado. Mas agora não havia mais como voltar atrás. Bedell disse-lhe que não se deixaria capturar vivo. "Ainda posso atirar com minha mão esquerda", disse êle sério.

Enquanto recuperava as fôrças, Bedell contava a Bettie sôbre sua mulher e filhos, em Westfield, e ouvia dela histórias de seus irmãos e de James. "Eu sabia que a espôsa devia estar rezando por êle", dizia Tia Bettie, "como eu estava rezando por James. Era estranho como às vezes eu me sentia tão unida a ela."

As noites de outubro no vale começaram a esfriar. A infecção nos ferimentos de Bedell agravou-se, e dentro da casa sem aquecimento havia um perigo cada vez maior de

que êle morresse de pneumonia. Bettie resolveu levá-lo para a sua própria casa na fazenda. Com o auxílio do Tio Dick e de Jennie, transportou-o à noite para uma cama num sótão escondido situado em cima da cozinha aquecida. Mas o esforço e o frio foram demais para o homem enfraquecido. Na manhã seguinte estava com febre alta. À tarde delirava. E ao cair da noite Bettie compreendeu que, se não arranjasse socorro, êle morreria. Depois de implorar a Deus que a orientasse, escreveu um bilhete ao seu velho amigo e médico da família, o Dr. Graham Osborne.

Êste não perdeu tempo em considerações de ordem moral. Examinou Bedell e abanou a cabeça. Havia pouca esperança, a menos que se pudessem obter os remédios adequados, e para os confederados não havia mais dêsses remédios.

—Muito bem, então—disse Bettie—Vou arranjá-los com os ianques em Harpers Ferry!

O médico disse-lhe que era uma loucura. O quartel-general dos ianques ficava a quase 30 quilômetros de distância. E, mesmo que ela chegasse até lá, os ianques jamais acreditariam na sua história inverossímil.

—Levarei provas—respondeu Bettie.

No sótão onde instalara Bedell ela encontrou um documento manchado de sangue com o carimbo oficial do Ministério da Guerra.

—Isto é um certificado da última promoção dêle—disse ela.—Quando

eu o exhibir, êles terão de acreditar em mim.

Fêz o médico escrever uma relação dos remédios de que precisava e, bem cedo, na manhã seguinte, pôs-se a caminho. Viajou durante cinco horas, parando apenas para dar descanso ao animal. Uma vez, uma figura esfarrapada surgiu de uma vala e tentou segurar o bridão da égua. Bettie deu-lhe uma chicotada, a égua assustada empinou-se e partiu em disparada. O homem não a seguiu. O sol havia quase desaparecido quando ela finalmente se viu, tremendo de cansaço, diante do oficial-comandante dos ianques.

O General John D. Stevenson ouviu-a com um ceticismo frio.

—Senhora—disse êle—a morte de Bedell foi comunicada pelo seu ordenança.

—Êle está vivo—insistiu Bettie.—Mas não viverá muito tempo se não receber os remédios que estão nesta lista.

O general hesitou.

—Bem—disse êle finalmente—eu não vou arriscar uma patrulha só para verificar o fato. Providencie para que a Sr.^a Van Metre receba os medicamentos—ordenou a um auxiliar. Não deu ouvidos aos agradecimentos de Bettie.—A senhora é uma mulher de coragem—disse êle—esteja dizendo a verdade ou não.

De posse dos remédios que Bettie transportou para Berryville, o Dr. Osborne conseguiu fazer Bedell vencer a crise. Dez dias depois, Bedell já estava andando, manquejando, de

um lado para outro, com o auxílio de um par de muletas tôscas que Tio Dick fabricara para êle. Mas nessa altura já estavam correndo rumôres sôbre o estranho que se encontrava na casa dos Van Metre. A conversa chegou aos ouvidos do Dr. Osborne, e em sua visita seguinte êle abordou o assunto francamente:

—Bettie, você está numa situação muito perigosa.

Bedell concordou.

—Não posso continuar a arriscar sua posição—disse êle.—Estou bastante forte agora para viajar. E acho que tenho um plano.

Êsse plano incluía um trato com um dos vizinhos de Bettie, um tal Sr. Sam. O velho e rabugento fazendeiro vivia lamentando a perda de algumas mulas que, ao que dizia, lhe haviam sido roubadas pelos soldados ianques. O Sr. Sam tinha uma carroça e uma única mula. Se o fazendeiro concordasse em levar Bedell até Harpers Ferry, poderia conseguir trocar um oficial ianque aleijado pelas mulas confederadas desaparecidas. Com relutância, o velho deixou-se convencer. Então Bedell confiou a Bettie o resto do seu plano: ela iria com êle.

—A guerra está quase no fim—disse.—Eu talvez possa ajudar você a encontrar seu marido.

Bettie hesitou, mas acabou concordando.

Tio Dick inventou um arreio duplo com o qual puderam atrelar a égua de Bettie ao lado da derradeira mula de Sam. Bedell deitou-se

num velho engradado cheio de feno, com o rifle e as muletas ao lado. Foi uma viagem longa e vagarosa, que quase terminou em catástrofe. A uma hora de distância das linhas ianques, apareceram de repente dois homens a cavalo. Um apontou uma pistola, exigindo dinheiro. O outro arrancou Sam da carroça. Enquanto Bettie estava ali sentada, paralisada, um tiro de rifle ecoou atrás, tão perto que ela chegou a sentir a explosão da bôca da arma. O guerrilheiro a cavalo caiu ao solo. Um segundo tiro abateu o outro. Bettie viu Bedell baixar o rifle e tirar punhados de feno do cabelo.

—Vamos andando—disse êle.

Ao chegarem à linha de demarcação, os soldados olharam assombrados para o velho fazendeiro e para a môça exausta. Ficaram ainda mais admirados quando viram levantar-se de dentro da carroça de feno um oficial da União, com a mão mutilada e sem uma perna. “Só me lembro”, costumava dizer Tia Bettie, “do rosto de Henry quando viu sua própria bandeira e lhe fêz continência com a mão enfaixada.”

Bedell foi mandado para Washington. Lá contou a sua história ao Ministro da Guerra, Edwin M. Stanton, que escreveu imediatamente uma carta de agradecimento a Bettie e assinou uma ordem de libertação de James. Foi organizada uma viagem especial de trem para ajudar Bettie a procurar seu marido. Providenciaram para que Bedell a acompanhasse.

A busca não foi nada fácil. Os registros diziam que um tal James Van Metre fôra enviado para um campo de prisioneiros em Ohio. Mas, quando os grupos esfarrapados de homens tristes e desanimados desfilaram diante de Bettie, James não estava entre êles. Examinaram uma segunda prisão, com resultado idêntico. Bettie procurava controlar um mêdo paralisante de que seu marido estivesse morto. E então, em Fort Delaware, Maryland, quando tôdas as possibilidades estavam quase esgotadas, um homem alto, com olhos fundos e rosto emaciado, destacou-se da fila e caiu nos braços de Bettie. Ela abraçou-o longamente, com lágrimas a lhe escorrerem pelo rosto. E Henry Bedell, ao lado, com suas muletas, chorou também.

Os três voltaram de navio para Washington, e daí para a casa de Bedell, em Vermont. Entre as duas famílias nasceu uma amizade profunda e duradoura. Posteriormente, quando os Bedell tiveram mais dois filhos, batizaram-nos com os nomes de Bettie e James em homenagem

aos amigos. Logo depois de terminada a guerra, os Van Metre levaram os Bedell para a sua casa na Virgínia como convidados. Cinquenta anos depois, os Bedell e os Van Metre continuavam amigos. Naquele ano a Assembléia Estadual de Vermont votou um projeto agradecendo a Bettie o seu gesto de misericórdia. E quando se comemorou o aniversário de Lincoln em 1915, o Governador Charles Winslow Gates, de Vermont, presidiu um banquete em Westfield em homenagem a Bettie, agraciando-a com um pergaminho.

Ainda vejo o brilho dos olhos azuis de Bettie, ainda ouço o seu riso. E às vêzes, quando as notícias dos dias de hoje parecem quase inacreditáveis, vou até ao velho moinho de café e pego na carta que James lhe escreveu há mais de um século. Ela me faz lembrar que, por mais que as coisas possam parecer sombrias, o amor ainda é mais forte do que o ódio; a coragem é mais forte do que o temor; os gestos de bondade são muitas vêzes recompensados das formas mais inesperadas.



Como preparativo para a inspeção do oficial-comandante no dia seguinte, o sargento convocou nosso pelotão para uma inspeção final. Mandando que tirássemos nossos bonés, êle percorreu rapidamente as fileiras, examinando os cortes de cabelo e fazendo comentários como: "Bom, regular, horrível, corte mais curto." Aproximando-se do soldado à minha esquerda, que era careca, o sargento, sem alterar o passo nem mudar de expressão, disse com sua voz áspera: "Medalha por eficiência!"

—Allan M. Burton (*Barrie, Ontário*)